

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Waczesław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

* * *

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowski: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeyre: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Monika Świda
Uniwersytet Jagielloński

Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes

Resumo:

O artigo *Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes* é dedicado ao esboço das relações entre os conceitos básicos da teorização pessoana do género do “nacionalismo místico” e as ideias saudosistas de Teixeira de Pascoaes, que parecem muito mais importantes e duradouras do que se costuma afirmar. A primeira parte do artigo é a breve análise dos artigos publicados por Pessoa em 1912 n.º *A Águia*, ou seja *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*, *Reincidindo...* e *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*, onde se destacam: a valorização positiva da poesia e filosofia saudosista por parte de Pessoa, o aparecimento da ideia de supra-Camões e a certeza do próximo ressurgimento da nação portuguesa do estado da decadência. São também analisadas as opiniões pessoanas sobre o lugar da Renascença Portuguesa na cultura portuguesa. A segunda parte do artigo é consagrada à justaposição dos conceitos-chaves da teorização pessoana com as ideias pascoesianas (que constituem a fonte provável da maioria delas), tais como: o carácter português, a desnacionalização, o sonho, a atitude em relação ao catolicismo e o cristianismo, o papel do sebastianismo, a interiorização e espiritualização, as metáforas e as reinterpretações históricas, a ideia do homem de génio, o papel da língua portuguesa,

assim como as questões relacionadas com a própria arte de filosofar, tais como a predileção pelas sínteses.

Palavras-chave: Pessoa, Pascoaes, saudosismo, sebastianismo.

Abstract:

Fernando Pessoa and the saudosismo of Teixeira de Pascoaes

The article *Fernando Pessoa and the saudosismo of Teixeira de Pascoaes* is dedicated to the study of the relations between the basic ideas of Pessoa's theories of the "mystical nationalism" and the saudosismo of Teixeira de Pascoaes which seem to be more important and long-lasting that is generally thought. The first part of an article is a short analysis of the three articles published by Pessoa in 1912 in *A Águia: A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada, Reincidindo...* and *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*, that bring out the Pessoa's positive attitude towards the poetry and philosophy of saudosismo, the idea of super-Camões and the certainty of the near national resurgence from the state of decadence. The Pessoa's opinions about the place of Renascença Portuguesa in the Portuguese culture are also analysed. The second part of an article is dedicated to the juxtaposition of the key-ideas of the Pessoa's theory and the Pascoaes' ones, which constitute their more probable source. These ideas are: the Portuguese mentality, a denationalization, a dream, an attitude toward Catholicism and Christianity, the function of sebastianism, an interiorization and spiritualization, the metaphors and historical reinterpretations, the idea of a genius, the role of the Portuguese language, and the questions of the art of thinking, just as a preference for the syntheses.

Keywords: Pessoa, Pascoaes, saudosismo, sebastianism.

A ligação entre as teorizações de Fernando Pessoa e de Teixeira de Pascoaes parece não ser tão superficial como julga a maioria dos críticos. Antes pelo contrário, é evidente que Pessoa deve ao dirigente da Renascença Portuguesa muito mais do que a possibilidade da estreia literária, visto que muitos dos conceitos fundamentais da sua ideação encontram correspondência nas ideias pascoaesianas. Eduardo Lourenço no ensaio *Da literatura como interpretação de Portugal* afirma que

não há, em toda a nossa literatura um diálogo-combate mais fundo e complexo que o que entrelaça as aventuras poético-espirituais de Pessoa e Pascoaes. Em última análise, a aventura de Pessoa é uma tentativa – bem lograda, mas não de todo triunfante – para reestruturar, em termos adequados ao seu génio próprio e a um tempo de tecnicidade cosmopolita, o misticismo sem sombra de má consciência poética nem linguística, do autor inspirado de “Regresso ao Paraíso” e “Marânus” (Lourenço, 2004: 99-100).

Noutro texto, *Sebastianismo: imagens e miragens*, esta constatação soa ainda mais forte:

Fernando Pessoa não fará mais do que extrair todas as conseqüências da visão de Pascoais ao reintegrá-lo de novo num horizonte histórico preciso – o da nossa aventura portuguesa – e à sombra de Oliveira Martins (Lourenço, 2001: 141).

Não são numerosos os autores que, com a perspicácia próxima da de Eduardo Lourenço, se debruçam sobre a questão das relações entre o saudosismo pascoaesiano e as ideias que fazem parte do “nacionalismo místico” de Fernando Pessoa¹. Fernando Pessoa deu-se a conhecer como crítico e escritor no órgão da Renascença Portuguesa, na revista *A Águia* – esta colaboração, se bem que relativamente curta e fervorosa, marcou profundamente, na nossa opinião, toda a sua produção posterior de teor patriótico e sebástico. Não se trata só das circunstâncias da estreia literária, da paixão pelo grupo e do rompimento com este meio artístico, mas dos elementos do pensamento, recolhidos nos textos de Teixeira de Pascoaes, que hão-de sobreviver, além do desprezo aparente em relação ao antigo mentor nos textos pessoanos tardios.

Pessoa estreou n’*A Águia* em Abril de 1912, no número quarto da segunda série da revista com o artigo *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*, seguido do texto polémico, intitulado

¹ É imprescindível evocar o artigo de Jacinto do Prado Coelho, (1996: 174-198, o livro de José Augusto Seabra (1985), alguns excertos do livro de Joel Serrão (1981), e a tese de Luisa Maria Bernardino de Medeiros de Brito Mendes (2004).

Reincidindo..., publicado em Maio desse ano, no número seguinte da revista, sendo o complemento destes o terceiro artigo, *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*, que saiu nas páginas do número nono (Setembro), décimo primeiro (Novembro) e duodécimo (Dezembro) deste mesmo ano.

Já em Setembro de 1912, Pessoa começou a distanciar-se do meio da Renascença Portuguesa devido à sua inclinação crítica, inaceitável para os outros membros do grupo, e à sua falta de prontidão para a aceitação do carácter absolutista da preponderância intelectual de Teixeira de Pascoaes. As provas desse distanciamento progressivo encontram-se na epistolografia pessoana desta altura, sobretudo nas cartas a Álvaro Pinto e na correspondência com Mário de Sá-Carneiro. Ainda em Agosto de 1913 publicou n' *A Águia* o primeiro texto do *Livro do Desassossego*, isto é *Na floresta do Alheamento*, e em Novembro do ano seguinte, por causa da recusa da publicação do seu drama estático *O Marinheiro*, rompeu definitivamente com “*A Águia*” e com a Renascença Portuguesa (cf. Coelho, 1996: 174-178)².

O ponto de partida d' *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada* é a constatação da incompreensão geral da poesia duma nova geração portuguesa, proveniente da decadência que se revela sob várias formas, e da interpretação deste movimento como o indicador do momento civilizacional da sociedade, o que faz com que o poeta decida expor o âmago deste movimento literário através da análise chamada e considerada pelo autor como “científica”³. Feitos estes esclarecimentos prévios, Pessoa passa à exposição da sua ideia principal que é o âmbito de evidenciar, através da análise comparativa com as sociedades inglesa e francesa, e da pressuposição da

² Veja também Seabra (1985: 133-146). Sobre o anti-saudosismo de Pessoa consulte A. Antunes (1983: 109 e seguintes). Cf. também A. Crespo (1991: 92).

³ J. Serrão enumera as qualidades *sociológicas* destes textos (cf. 1981: 64-66). Sobre esta atitude escreve J. A. Seabra: *o pendor raciocinante é a mera ocultação/revelação do pendor escritural, que se multiplicaria mais tarde nos heterónimos* (1985: 142).

analogia entre estas e a portuguesa, que a pátria lusitana se encontra na antemanhã do seu período máximo da criação civilizacional, de que a poesia dos autores da Renascença Portuguesa é um anúncio certo. Desta maneira constata que o período criador nas sociedades francesa e inglesa é marcado pela dominação do espírito nacional, que absorve as influências estrangeiras, sendo os períodos da hegemonia nacional (mas ao mesmo tempo da inacção civilizadora) aqueles em que há equilíbrio entre os elementos nacional e estrangeiro (o que está de acordo com a definição da civilização como proveniente do conflito de influências nacionais e estrangeiras).

Nesta óptica, Pessoa afirma a Renascença Portuguesa absolutamente nacional, ainda que não composta por génios. O poeta salienta o facto de este movimento literário surgir num momento da depressão extrema da vida sociopolítica, de modo que, de acordo com o estudo comparativo das analogias das relações entre o nível da vida social e o da literatura em França e Inglaterra, seja possível provar a inevitabilidade da próxima fundação da civilização lusitana, em conformidade com as anunciações de Teixeira. O que é destacado neste texto, é o carácter nacional e inovador da arte saudosista que constitui o seu valor. No que diz respeito à definição da vitalidade da nação, Pessoa concebe-a como a capacidade de criar algo de novo, afirmando também que *o valor dos criadores literários corresponde ao valor criador das épocas a que correspondem* (Pessoa, 1999: 12), o que inscreve as ideias pessoanas numa corrente já antiga da filosofia da cultura construída por meio das personagens dos grandes, sobretudo dos poetas (a linhagem de Carlyle, um dos mestres da juventude de Pessoa). Assim, Pessoa procede a anunciação de supra-Camões, um poeta superior⁴, cuja vinda é infalível pela razão da analogia raciocinada do aparecimento dos homens de génio na cultura inglesa

⁴ A ousadia desta anunciação, ligada ao desprezo manifestado pelo maior poeta português, não foi o género de uma estreia humilde dum poeta desconhecido, mas a manifestação de uma personalidade que não aceita compromissos (cf. Crespo, 1984: 35). Outros, como Luís de Oliveira e Silva julgam que Pessoa não conseguiu superar Camões, sendo apenas o Anti-Camões (cf. Silva 1988: 180).

e francesa, e mais, pela concordância com a lei da precedência das correntes sociais pelas literárias.

O que é necessário assinalar, é o facto de a chegada próxima dum poeta superior a Camões só estar a ser anunciada nos artigos de Pessoa, fazendo com que seja lógica a dedução que este papel não poderia caber a Pascoaes – é portanto visível, já neste momento, a dissidência de Pessoa da chefia espiritual do poeta de Amarante. Pessoa indica também a data aproximada desta transformação social, colocando-a *apenas uma, duas ou três gerações “depois” do “auge” da corrente literária* (Pessoa, 1999: 16). Em vista disso, cumpre o movimento da Renascença Portuguesa o papel de arauto da grande época criadora da civilização, acompanhada, ou antes condicionada, pelo renascimento pátrio. Na interpretação de Eduardo Lourenço, este anúncio da vinda do supra-Camões significa a superação dialéctica, hegeliana, da visão simbólica de Pascoaes, isto é, *elevando-a a consciência de si mesma, conservando-lhe a intuição de base, o núcleo neoplatónico* (Lourenço, 2004: 105). Este artigo, de extrema importância para a prova da existência dos principais enleios do pensamento pessoano já na sua estreia literária, é concluído com a convocação para a fidelidade ao ideal futuro:

tenhamos fé. Tornemos esta crença, afinal lógica, num futuro mais glorioso do que a imaginação o ousa conceber, a nossa alma e o nosso corpo, o quotidiano e o eterno de nos. Dia e noite, em pensamento e acção, em sonho e vida, esteja connosco, para que nenhuma das nossas almas falte à sua missão de hoje, de criar o supra-Portugal de amanhã (Pessoa, 1999: 17)⁵.

A segunda parte do estudo da nova poesia portuguesa e ao mesmo tempo a resposta à polémica Carta de Coimbra, intitulada *Reincidindo...*, é dedicada, como o próprio título indica, a um tipo de aprofundamento das ideias expostas no artigo anterior⁶. E assim é apre-

⁵ A anunciação do supra-Camões tinha, segundo Onésimo Teotónio Almeida, o mesmo papel mobilizador que a *Mensagem* (cf. Almeida, 1987: 53).

⁶ Não só à “Carta de Coimbra” foi esta resposta, mas também às dúvidas e descontentamento dos escritores e filósofos d’ “A Águia” que não se reconhe-

sentado o percurso histórico da corrente saudosista compreendida como a renovação de literatura, cujo início Pessoa descobre já em *Só* de António Nobre, em parte na obra de Eugénio de Castro (aquela estilizada à quinhentista) e n' *Os Simples* de Guerra Junqueiro, sendo o papel do precursor reservado a Antero de Quental. A primeira fase do movimento saudosista é colocada no período decorrente entre a publicação da *Oração à Luz* junqueiriana e da *Vida Etérea* de Pascoaes, que ao mesmo tempo abre a segunda fase – a contemporânea ao artigo. Do ponto de vista político, o princípio desta nova corrente é coevo ao movimento de 31 de Janeiro de 1890, sendo o seu auge a revolução de 5 de Outubro de 1910 – estas duas datas evocam o sentido da transitoriedade, crucial na visão pessoana, da época actual em relação à reforma futura.

Qual será o fruto da transformação sociopolítica em Portugal, dado que o ponto de chegada da Inglaterra foi o constitucionalismo e da França a república? Pessoa responde enigmaticamente: *talvez supra-Camões possa dizer alguma coisa sobre o assunto. Esperemos, que ele não se demora* [sic] (Pessoa, 1999: 34)⁷. Quanto à renovação literária projectada, as características desta grande época por vir são a *não-popularidade*, a *anti-tradicionalidade* e a nacionalidade (Pessoa, 1999: 30). Em relação a este último elemento, Pessoa, ao analisar a poesia da Renascença Portuguesa, emprega a terminologia de Teixeira, falando, por exemplo, da alma da raça, que ele também considera original e inovadora. O que neste artigo apresenta um interesse especial é a esperança (senão a certeza) da vinda do homem providencial, o que pode ser um indício da fé messiânica, talvez inspirada por Teixeira (que também uma vez, na famosa conferência *A Era*

ceram no projecto pessoano, sobretudo na visão dum supra-Camões (cf. Seabra, 1985: 140). Consulte também A. Crespo (1984: 27).

⁷ Talvez seja este supra-Camões a designação da genialidade do desdobraimento em heterónimos? O sensacionismo é por Pessoa considerado o estilo poético superior e pertencente a uma nova era, então por que motivo não interpretar a transgressão da poesia figurada por Camões nos termos da invenção da heteronímia? Joel Serrão acha que já na altura da escrita dos artigos publicados n' *A Águia*, o projecto cultural pessoano estava definido (cf. Serrão, 1978: 338).

Lusíada do ano 1914, exprime a fé na vinda dum Messias pessoal, individual), mas que também é contagiada pela admiração da força, essencial em tais textos como o *Ultimatum e Apontamentos para uma estética não-aristotélica*, e que termina com o aviso para os responsáveis pelo estado português:

E quando a hora chegar, virá – não tenhamos dúvida – o homem de força que a imporá, eliminando os obstáculos, que são esta gente de agora, monárquicos e republicanos. Suavemente, se puder ser, será a transformação feita, a criação começada. Mas se assim não for, se esta gente de hoje não curar de se tornar portuguesa, confiemos, sem horror, que o Cromwell vindouro os saberá afastar, aplicando-lhes, por triste necessidade, a “ultima ratio” de Napoleão, de Cavaignac, e do Coronel Conde de Galliffet (Pessoa, 1999: 35).

O nosso Cromwell futuro é uma figura que não só neste texto aparece como a projecção do líder nacional, de modo que pode ser considerado uma das personagens emblemáticas na ideação pessoana, no sentido do símbolo da força do povo revoltado (e, como afirma Joel Serrão, deve ser tratado a sério na totalidade da escrita pessoana, e não como uma ideação momentânea dum poeta jovem e inexperiente (1981: 66)). As conclusões deste segundo artigo são constituídas em parte pela repetição das do primeiro, isto é: a convicção da proximidade do ressurgimento nacional, acompanhado pelo aparecimento do supra-Camões e da importância do papel que neste renascimento desempenhará o regime republicano, no sentido de novidade contraposta ao monarquismo passadista, mas que não terá nada a ver com os políticos do partido democrático da época (um elemento novo). O que Pessoa aconselha nesta antemanhã da transformação é a abstenção da acção senão negativa (o combate ao estrangeirismo dos governadores por meios culturais, através da actividade literária ou jornalística, mas só quando inevitável), dado que *a hora da acção ainda não chegou* (Pessoa, 1999: 34). Esta mesma hora do início nas ideias pessoanas deve ser precedida pela elaboração da teoria política – a actividade a que o poeta dedicou muito tempo da sua vida – além disso, estes parecem ser os preceitos restritamente seguidos por Pes-

soa nos anos seguintes, da mesma maneira que a justificação da sua deficiência da força de vontade, confessada na juventude.

O terceiro artigo, *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*, é uma análise psicológica e literária (complementares da sociológica já obrada) da corrente saudosista nos três aspectos: o metafísico, o estético e o sociológico. Neste artigo, Pessoa expõe a sua visão da história da cultura europeia, na qual o papel principal cabe aos artistas da pena – as grandes personagens da literatura são na sua teoria da cultura os indicadores do poder criador da época, as suas mais altas manifestações. Desta maneira, os maiores espíritos do passado são considerados Homero e Shakespeare. Na literatura europeia, segundo Pessoa, há só dois grandes períodos literários (isto é, culturais): a Renascença, com Dante (sic), Shakespeare e Milton, e o Romantismo: alemão (Goethe), inglês (Shelley) e francês (Hugo). O Romantismo é nesta projecção considerado a decadência da Renascença e como tal designado o início da Nova Renascença por vir, o movimento precursor dela. No entanto, as profecias de Pessoa derivam da análise dos estádios anteriores da cultura e, em especial, da literatura europeia, o que garante, do seu ponto de vista, a coerência e a firmeza delas. O poeta é nesta visão um indivíduo que concentra em si, com uma densidade máxima, a essência da raça – a influência pascoaesiana é nítida nesta parte dos pensamentos pessoanos:

o acto de imaginar é o que, pois, em linha directa descende da alma da raça. E como o mais alto grau de imaginar é o do poeta, é na poesia que vamos buscar a alma da raça, e na filosofia dessa poesia aquilo a que se pode chamar a filosofia da raça (Pessoa, 1999: 62).

O que mais afirma Pessoa, é que a filosofia portuguesa na corrente do transcendentalismo panteísta já atingiu o nível duma grande e nova filosofia europeia e, conforme as analogias antes apresentadas, a poesia há-de erguer-se a esta altura no futuro próximo – Pessoa não só não considerou esta constatação arrojada, provocando a indignação dos contemporâneos, mas estava convencido da sua fundação firme no raciocínio feito. A visão da realidade que sobressai das páginas deste artigo pessoano é exactamente a proposta pelo transcenden-

talismo panteísta nos escritos de Teixeira de Pascoaes ou Leonardo Coimbra, ou seja a unificação da Natureza com a Alma (cf. Antunes, 1983: 84)⁸. Também a poesia da Renascença Portuguesa é neste texto considerada absolutamente original, equilibrada e sobretudo nacional. A fórmula social originada e enraizada na alma lusitana há-de ter também este supremo carácter sintético, pois afirma Pessoa:

uma rápida análise, aqui eliminada, determina facilmente que o raciocínio permite profetizar que a futura criação social da Raça portuguesa será qualquer coisa que seja ao mesmo tempo religiosa e política, ao mesmo tempo democrática e aristocrática, ao mesmo tempo ligada à actual fórmula de civilização e a outra coisa nova (Pessoa, 1999: 66).

O que é patente neste excerto é a confluência do raciocínio, da análise metodológica, e da componente irracional, transcendente (tão característica para os textos pessoanos): a própria afirmação: *o raciocínio permite profetizar* é um exemplo excelente deste dualismo de pensamento. O que se pode dizer desta nova fórmula civilizacional que há-de ser criada pelos portugueses, é sobretudo de carácter puramente negativo – ela tem de divergir do cristianismo (e especialmente do catolicismo), da democracia moderna e do comercialismo, assim como se encontra carregada da missão da destruição total do humanitarismo (a ideia ligada noutros escritos ao culto da força e da crueldade)⁹.

Na tentativa de caracterização da nova poesia publicada n' *A Águia*, Pessoa fornece também uma característica indispensável da poesia de supra-Camões, isto é a síntese equilibrada do elemento subjectivo e objectivo, o que torna este grande poeta por vir não só superior ao artista renascentista, mas mesmo pertencente à *ordem superior* (Pessoa, 1999: 48). Esta constatação, conquanto gerada pelo poeta jovem e pouco experienciado, é o cerne da arte poética pessoana, o que mais

⁸ Maria Irene Ramalho evoca neste contexto o ensaio *Os poetas metafísicos* de Eliot (cf. 2006: 13).

⁹ Estas ideias são expressas explicitamente pelo heterónimo-filósofo, António Mora.

uma vez prova o facto de ele ter gerado e projectado o seu próprio destino artístico como o do sucessor de Camões – José Augusto Seabra fala neste lugar de *uma auto e uma hetero-profecia* (Seabra, 1985: 143), introduzindo nela ainda a componente heteronímica no significado da ordem superior, poetodramática.

Quanto à compreensão do próprio conceito de supra-Camões¹⁰, Pessoa protesta neste artigo contra a interpretação desta figura nos termos do *messianismo* (o itálico do poeta), sublinhando o carácter puramente poético dela. O que também é lícito salientar neste texto, é o facto de a caracterização desta poesia portuguesa do futuro (a partir da produção poética contemporânea ao poeta) é, sem tirar nem pôr, a descrição da poesia simbolista-panteísta dos autores da Renascença Portuguesa, e principalmente da de Pascoaes. Isso é que há-de mudar: já nos textos seguintes, o lugar deste estilo poético privilegiado ocupará o sensacionismo¹¹, se bem que no fundo a teoria da supra-poesia do futuro fique intacta e sempre embebida nas ideias pascoaesianas. *A Nova Poesia Portuguesa no Seu Aspecto Psicológico* termina, como os textos anteriores, com uma profecia de uma nova obra, comparável à epopeia das viagens ultramarinas – então, também os Descobrimientos são interpretados à maneira pascoaesiana como a aventura precursora da verdadeira obra da criação imperial, mas desta vez de índole espiritual.

Na época posterior ao rompimento com *A Águia* Fernando Pessoa dedica alguns pensamentos espalhados nos seus fragmentos à

¹⁰ Que aliás Joel Serrão propõe interpretar como o primeiro esboço de heteronímia, sendo o supra-Camões um *Shakespeare-motor da pretendida nova Pátria Portuguesa* (1981: 67).

¹¹ Como repararam, entre outros, tais investigadores como J. G. Simões, G. R. Lind, F. Guimarães e J. A. Seabra, neste artigo composto pelas reflexões acerca da poesia saudosista podemos já observar a prefiguração de alguns „ismos” poéticos pessoanos posteriores, por exemplo paulismo, sensacionismo ou interseccionismo (cf. Seabra, 1985: 142). Este investigador afirma também que não se pode tomar à letra estes artigos, *como apreciações literárias, mas como elementos de um texto em que as citações funcionam, intertextualmente, com uma outra função: a de pretextos, no seu sentido próprio* (Seabra, 1985: 145).

personagem artística de Teixeira de Pascoaes e à actividade da Renascença Portuguesa. Na sua opinião, o principal mérito do grupo da Renascença Portuguesa consistia na fundação da mundividência especificamente portuguesa, o que era, sem dúvida nenhuma, uma obra de valor, já que autorizava os portugueses à entrada em jogo civilizacional. O movimento saudosista é também apresentado como a vanguarda indispensável da corrente sintética final, que Pessoa julgava ser o sensacionismo, embora admitisse a descendência deste movimento do panteísmo transcendentalista, ao lado do simbolismo francês e da mistura do futurismo, cubismo e outros “ismos”. Também à escola saudosista de poesia (junto a Guerra Junqueiro da *Oração à Luz*) deve o sensacionismo o teor sintético (a junção do espírito e da matéria)¹². Como constatou Pessoa, o surgimento do movimento saudosista só foi possível como o resultado do encontro de várias influências estrangeiras que em grande número estimularam e agitaram a nação de tal modo que esta finalmente reencontrou a sua orientação.

Come se vê, Pessoa concede razão aos artistas e filósofos pertencentes a este grupo, ainda que se considere independente dele. Não obstante, algumas das suas ideias não são outra coisa senão o desenvolvimento das de Teixeira de Pascoaes – deste ponto de vista a estreia n’*A Águia* não foi uma obra do acaso e a ligação com a filosofia pascoaesiana revela-se muito mais íntima e duradoura do que se costuma reconhecer na bibliografia crítica acerca da questão (com a excepção significativa de Eduardo Lourenço) e do que o próprio Pessoa foi apto a admitir – as ideias pascoaesianas reflectem-se de algum modo em todos os conceitos básicos da sua teorização do império espiritual.

¹² O que parece bastante irónico, na bibliografia passiva a *Mensagem* é por alguns críticos considerada um livro saudosista, dada a sua tendência para a abolição do tempo e para a ultrapassagem da nacionalidade em prol da dimensão universalista: *E a “Mensagem” é ainda um livro saudosista: saudade do passado e saudade do futuro, que se entrelaçam a ponto de se esfumarem no infinito as coordenadas do tempo e do espaço; poema imerso numa distância sem horizonte e sem fim, a “Mensagem” joga com o tempo e com o espaço e põe o futuro no passado* (cf. Pires, 1982: 109-110).

De ponto de vista da forma do pensamento, o que Pessoa partilha com Pascoaes é a predilecção pelas sínteses. Não importa que o primeiro seja um racionalista que como o valor superior da inteligência humana indica sempre a capacidade de raciocínio lógico, enquanto o segundo o que deixou a obra composta só de metáforas e para quem era sempre a linguagem poética que tinha o lugar dominante na hierarquia. Ambos concebem as ideias fundamentais das suas teorizações por meio de contradições que unindo-se em síntese, se aniquilavam. Assim são construídas, ao longo dos textos, as ideias basilares destas duas teorizações: a de saudade em Teixeira e a do império espiritual em Pessoa. Pascoaes define a saudade como *sentimento-ideia, emoção reflectida* (Pascoaes, 1988: 38). A saudade é nesta perspectiva a própria harmonia dos contrastes, visto que nela se realiza a unificação do corpo e da alma, da tristeza e da alegria, do amor e do desejo, da terra e do céu. Mas é sobretudo a unificação do Desejo carnal dos pagãos com a Dor cristã, espiritual, sendo estes elementos o ponto de partida para as duas principais forças que operam dentro deste conceito: do lado do desejo encontra-se a Esperança, e do lado da Dor a Lembrança. Teixeira indica também as personificações destes dois elementos: a do Desejo e da Esperança é Vénus dos Árias (um componente carnal), enquanto a da Dor e da Lembrança é Virgem Maria (um componente espiritual). Do ponto de ligação, da união do Desejo e da Esperança, que representam respectivamente o futuro e o passado, resulta a abolição, a superação do tempo, ou seja, o presente eterno. A saudade é por este filósofo concebida como a *alma universal, onde se realiza a unidade de tudo quanto existe* (Pascoaes, 1988: 47), ou a essência do cosmos. Contendo em si a síntese de duas principais religiões da humanidade (a religião pagã e a judaico-cristã), a saudade torna-se uma pedra angular da nova religião dos lusíadas, do saudosismo. Em Pessoa, a síntese das qualidades espirituais dos impérios anteriores ao Quinto, a sua transformação suprema, assim como tais características da cultura portuguesa como o cosmopolitismo (como proveniente da valorização positiva da desnacionalização e a raiz da transnacionalidade) e a capacidade de imitação (como o fundamento da pluralidade) definem o carácter do planeado

império, a sua universalidade, ou do homem do futuro, cujo exemplo pode ser o Super-Homem de Álvaro de Campos. De mesmo modo, a visão do mundo após a transformação (quer seja esta a transição para o reino de saudade, quer o início do Quinto Império ou da união ibérica) é projectada como a síntese da religião, filosofia e arte.

Tanto Pessoa, como Pascoaes dedicam muita atenção à tentativa da descrição e definição de carácter português, reparando tanto nas qualidades, como nos defeitos. A descrição da alma portuguesa obra-da por Teixeira é muito próxima da pessoana. Neste retrato as qualidades são as seguintes: o génio de aventura (que é um instinto que leva o povo a arriscar a vida a fim de contribuir para a humanidade – parece que a mesma ideia guiou Pessoa a levantar o acto português da invenção da descoberta), o espírito messiânico (a consciência da missão por realizar, o grau superior do génio da aventura, a sua espiritualização) e o sentimento de independência e liberdade. Os *defeitos da alma pátria* são: a falta de persistência, a vil tristeza, a inveja, a vaidade susceptível, a intolerância e o espírito de imitação (a que Pessoa chama adaptabilidade) (Pascoaes, 1998: 89-104). Como podemos observar, quase todos os defeitos enumerados por Pascoaes, aparecem também nas reflexões de Pessoa (sobretudo a vaidade susceptível, que faz parte do famoso provincianismo português, e o espírito de imitação, responsável por e ao mesmo tempo o efeito da desnacionalização levada a cabo ao longo de alguns séculos). Outros defeitos levantados por Pessoa são a demasiada disciplinação, a incapacidade de acção firme e persistente (devido à instabilidade de vontade), a predilecção pela retórica, o excesso da imaginação (na opinião do poeta igual à sua deficiência), a decadência e o cosmopolitismo, o mimetismo absoluto e a falta de personalidade própria. Assim como na teoria de Pascoaes os defeitos não são senão as qualidades degeneradas, na teoria pessoana as falhas do carácter nacional, sobretudo tais como o cosmopolitismo, o mimetismo, a falta de personalidade ou a decadência, tornam-se, segundo esta mesma lógica, os factores que hão-de fundar o novo império, o da cultura transnacional, constituindo o fundamento da universalidade.

Ademais, os pensadores consideram muito perigosa para o futuro da nação a carência do sentimento, carácter nacional, a que Pessoa chama a *não lusitanidade íntima* (Pessoa, 1979: 128). Mas há também uma divergência nesta área: enquanto Pessoa sem sombra de dúvida censura o chamado provincianismo no sentido de tradicionalismo excessivo, Pascoaes glorifica-o e elogia – a impossibilidade de conciliação entre a atitude passadista e a virada para o futuro é a diferença fundamental entre os pensadores que aqui também se evidencia. Se repararmos bem, nas concepções pessoanas é patente que toda a realidade portuguesa continua ainda na condição de espera por ser criada, trabalhada (o que é um estado favorável, já que desta maneira tudo pode ser feito bem de uma vez, sem necessidade de corrigir qualquer coisa), enquanto em Pascoaes quase tudo se baseia na recuperação do passado, no regresso ao paraíso perdido, só ligeiramente adaptado às circunstâncias de actualidade. Ainda que ambas estas visões utópicas sejam atemporais, a pessoana é de certeza mais virada para o futuro, concentrando-se na projecção do porvir, ao passo que a pascoaesiana dedica-se mais ao reencontro dos valores e símbolos de outrora. No entanto, o que para Pessoa é a marca do atraso, para Pascoaes pode ser um elemento deste passado paradisíaco, permanente nas fontes da portugalidade: as lendas, o génio da língua, a poesia popular, as obras dos escritores portugueses e as vidas de heróis.

Um dos conceitos herdados por Pessoa do espólio pascoaesiano é com certeza o de sonho¹³, visto que a actividade sonhadora que é a principal faculdade do homem pessoano: o poder humano reside na capacidade de sonhar, ainda que a realização dos sonhos não deixe de depender dos planos divinos – como está explicitado em várias passagens da *Mensagem*, a obra nasce pela vontade de Deus e não do homem, se bem que através do seu esforço – portanto, o sonho em Pessoa é a maneira da participação humana nos planos divinos, sendo o sonho identificado com a essência divina. O acto de sonhar, que equivale à actividade profética e criativa na área da escrita,

¹³ Sonho é uma forma de acesso à realidade também na poesia de Pessoa, aliás, no fundo, romântica (cf. Moisés, 1979: 62 e seguintes).

idêntico também ao sentir e ao pensar o mito, constitui na visão pessoana o único sentido da existência do sujeito. Na teorização acerca do Quinto Império deparamos sobretudo com o sonho imperial, a nova encarnação do mito sebastianista, que se há-de operar através da recriação do sonho sebastianista em cada homem e que comprova o carácter espiritual do futuro império português.

Também em Teixeira de Pascoaes o sonho é a metáfora da actividade criadora do homem, contraposta à passividade simbolizada pelo sono, de modo que a condição da existência humana seja concebida como o eterno cambaleio entre o sono e o sonho (cf. Coutinho, 1995: 130). No entanto, o sonho e sono são, ao lado de outros pares antinómicos que constroem o sistema filosófico pascoaesiano (tais como existir : ser/viver, realidade : verdade, ausência : presença, aparência : aparição), uns dos conceitos básicos. O sonho é em Teixeira de Pascoaes não só o sinónimo da actividade espiritual humana¹⁴, mas também uma das metáforas que descrevem o modo de ser de Deus na sua ontologia (cf. Coutinho, 1995: 301).

Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes ocupam a mesma posição quanto à atitude perante a igreja católica, aproximando-se de si também no que diz respeito ao lugar do cristianismo. Na primeira fase da sua vida e obra Teixeira aceitava o cristianismo apenas no sentido da religião tradicional, enraizada na cultura europeia, mas no que toca ao catolicismo, a sua atitude era inequivocamente inimiga, visto que o poeta visionava a igreja católica como um organismo totalmente alheio à cultura portuguesa, imposto por Roma e responsável pela degenerescência nacional. Nesta fase Teixeira postulava a criação duma igreja nacional, incorporada nas estruturas do estado, que fosse ao mesmo tempo a reconstrução da igreja cristã dos primeiros séculos, nomeadamente a fundada pelos visigodos e existente até aos tempos de Afonso Henriques – a fé proferida por esta igreja nova seria obviamente o saudosismo, a religião da saudade e a síntese do cristianismo e paganismo. Numa fase seguinte, mais madura e virada para a reconciliação, Teixeira chegou à con-

¹⁴ Como é também em Pessoa (1993: 47).

clusão de o próprio cristianismo ser esta religião-síntese, igualando-o com o saudosismo.

De mesmo modo, a posição de Pessoa perante o catolicismo é univocamente negativa, apesar da importância atribuída por ele à religião em si, no sentido sociológico (o carácter religioso do império projectado é inquestionável), sendo esta ligada directamente à mitogenia – que é, por seu lado, também baseada num *acentuado sentimento religioso* (Costa, 1971: 16). É certo que a igreja católica é pelo poeta considerada um inimigo cuja extinção na terra portuguesa é uma condição indispensável para um renascimento pátrio, dado que a igreja é um factor de degeneração. O combate do catolicismo e a sua substituição pelo mito nacional do sebastianismo são as circunstâncias necessárias do renascimento da nação. Na opinião de Pessoa, a religião católica, além de responsável pela introdução do elemento estranho às tradições originais portuguesas, é também uma das razões, ao lado da Expansão Marítima, do impedimento do desenvolvimento cultural que se iniciou na época medieval.

Já a atitude pessoana perante o cristianismo é ambígua: o Quinto Império pode ser tanto cristão, como reinado por Anti(Ante)-Cristo, resultando ambas as opções da interpretação tradicional do sebastianismo, enraizado nas *Trovas* de Bandarra ou obras de Padre António Vieira, sendo a ideia do Anicristo também a prova do nietzschianismo pessoano e do seu fascínio pelo ocultismo. O conceito de cristianismo, tanto pelas suas conotações religiosas, como as históricas, serve a Pessoa também de ponto de partida para a ideia do universalismo¹⁵ – como a fundação da verdadeira Igreja Católica (cristã) sob o nome da Nova Jerusalém é também designado o Quinto Império; num dos

¹⁵ E. Frias identifica este universalismo ao catolicismo – *o mais absoluto espírito da universalidade* (1971: 82). Mais ainda, para ele este catolicismo é de modo incompreensível a condição para o ressurgimento nacional: *só a consciência da catolicidade, em plena e viva significação religiosa, pode alcançar, com a re-ligação às tradições nacionais, esse despertar fecundo* (Frias, 1971: 83). Esperamos que o significado desta catolicidade seja sempre o universal, vieiriano – mesmo assim, tendo em conta a opinião unívoca de Pessoa sobre o catolicismo, esta metáfora não parece ser muito feliz.

fragmentos destaca Pessoa o carácter sincrético da tradição do cristianismo¹⁶ que é um factor que tornaria mais plausível o carácter cristão do império visionado.

Na obra de Pascoaes muita importância é atribuída à figura de Cristo, considerada o modelo do homem, o ideal do sacrifício – para Pessoa a personagem do salvador também apresenta algum significado, se bem que mais no sentido de Adepto Superior do que o arquétipo de sofrimento¹⁷, que no mundo de valores dum anti-humanitarista declarado não ocupa uma posição considerável.

Também a convicção da relevância dos mitos nacionais, sobretudo da lenda sebástica, é comum aos pensadores: ambos fizeram do mito sebástico o fundamento das suas ideias, tratando-o emblematicamente, mas aproveitando a sua posição do verdadeiro mito português, que o predestinou para a função da religião nacional. O saudosismo é simbolicamente construído sobre o fundamento do sebastianismo de mesma maneira que a teoria do império espiritual de Pessoa – tanto Pascoaes, como Pessoa utilizam os elementos desta religião lusitana para veicular os conteúdos próprios das suas ideias. O sebastianismo, concebido por Pessoa como um mito e movimento religioso fundador, é também na sua visão a base do saudosismo, o que faz com que este seja por ele positivamente valorizado. Desta maneira, o início dum mundo renovado é projectado como a construção duma nova realidade sobre o fundamento do saudosismo. Pascoaes considera o sebastianismo a poesia pura, o que tendo em conta a sua hierarquia de valores, que situava a poesia no lugar superior, é uma manifestação não só da importância, mas também do carácter simbólico do seu emprego deste mito. Então, tanto para Pascoaes, como para Pessoa, o regresso de D. Sebastião é puramente simbólico e tem o sig-

¹⁶ Ainda que Pessoa outro lugar admita também a possibilidade do aparecimento dum novo sistema religioso, mas só após a realização do Quinto Império, *fora dos nossos “tempos”*, 125 A – 34/36 [dact] [Bandarra]: (Pessoa, 1979: 150).

¹⁷ Ainda que não tanto na *Mensagem*, como por exemplo nos poemas de Ricardo Reis, pareça com frequência a ideia do sofrimento, desgraça como o tributo que há-de ser pago pela paz, felicidade, afinal glória: *compra-se a glória com desgraça* (Pessoa, 1993: 14).

nificado da inauguração da missão portuguesa no mundo. Em Pessoa é a promessa do regresso D. Sebastião a figura de esforço individual, indispensável para a obra de renovação espiritual e que há-de ser operada por cada indivíduo separadamente. O conceito da interiorização dos destinos regeneradores, da realização em si, por cada indivíduo, desta transgressão (Pessoa emprega aqui a metáfora de execução em si do regresso de D. Sebastião), é portanto comum a ambos os pensadores. No entanto, o papel tradicional da memória dum grande passado material e da tentativa de recuperação das condições do império colonial é nestas teorizações desempenhado pelo desejo da efectivação do sonho nacional no interior dos membros da comunidade patriótica.

De mesmo modo, os da pátria e da nação em Pascoaes e em Pessoa são análogos: ambos os teorizadores consideram indispensável a interiorização da ideia da pátria, servindo a pátria apenas de um meio, uma das etapas no caminho para o universalismo, visto que é a petrificação da nação, a impossibilidade da realização dos objectivos espirituais o que não deixa estender quer o reino de saudade, quer o império da cultura por todo o mundo, e que faz com que seja indispensável o renascimento da nação. Em ambos os casos os conceitos da pátria e da ideologia da nação não passam de meios imprescindíveis para a transição para um nível superior, o da universalidade.

De proveniência pascoaesiana é finalmente uma das mais importantes características da pessoana versão do mito sebastianista, nomeadamente a transferência das aspirações para o ressurgimento e da própria renascença para a esfera espiritual. Esta ideia, sendo o centro da ideação pessoana, é a sua contribuição mais original e mais característica para a multissecular tradição sebastianista. Aliás, o que diverge estas duas concepções é o dualismo fundamental na cultura europeia, pelo menos desde a época do Romantismo, isto é a distinção entre a natureza e a cultura – já que a teorização de Teixeira concebe o modo de ser português, baseado no mecanismo da saudade, como absolutamente natural e orgânico, nascido da mistura racial, cujo efeito é a nação portuguesa, a ideação pessoana da construção do império cultural, o reinado da inteligência, inscreve-se sem dúvida no pólo do artificial. Mais ainda, podíamos dizer que a teorização

pascoaesiana do reino da saudade tem mais o teor ontológico e epistemológico, concentrando-se nos elementos relacionados com o modo de ser e estar no mundo, ao passo que a ideação pessoana tem como centro a ideia da cultura universal, a comunidade espiritual de pensamento. O que deve ser salientado é o facto de que já Teixeira chegou à conclusão que dada a situação política, social e cultural de Portugal na altura, isto é a de um país atrasado, sem importância política e muito fraco de ponto de vista económico, o objectivo por atingir deve ser de outra índole, isto é, a imaterial (Eduardo Lourenço emprega aqui a metáfora de *uma operação de magia poética* de subtrair a pátria da realidade histórica e colocá-la na ideal, Lourenço, 2004: 100). Foi no entanto Pascoaes que operou esta transição das aspirações dos portugueses da realidade material para o reino do espírito, admitindo que cada nação tem que criar o seu sonho, à realização do qual deve dedicar-se. Até a própria metáfora da Índia Espiritual parece ser o eco de uma metáfora pascoaesiana: *A sombra de Nun'Alvares saiu do túmulo e vagueou nas ruas de Lisboa; sulcaram o Tejo fantasmas de caravelas em demanda da Índia Ideal, essa Índia que fica em pleno mar do nosso sonho* (Pascoaes, 1988: 32). Este fragmento evoca o outro, pessoano, tão conhecido e já mencionado, proveniente do último da série de artigos sobre *A Nova Poesia Portuguesa*:

e a nossa Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas “daquilo de que os sonhos são feitos”. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente (Pessoa, 1999: 67).

Esta citação introduz também outro elemento que ambos os teorizadores têm em comum, nomeadamente a convicção de que o futuro glorioso de Portugal deve ser enraizado na grandeza passada, isto é na aventura de Descobrimentos. Em Pascoaes, a saudade concebida como a inclinação para a transgressão, foi o motor das Descobertas e no presente há-de levar o povo português à obra do ressurgimento. Nesta visão (que é praticamente igual à pessoana), Portugal já contribuiu para o mundo com os Descobrimentos, mas agora não

só repetirá a sua obra, mas também há-de levar a cabo a obra de índole superior, isto é, imaterial, como que o complemento da obra iniciada nos séculos passados – Portugal já deu à Europa o Novo Mundo no sentido geográfico (e, segundo Pessoa, não só, visto que *a nossa primeira descoberta foi descobrir a ideia da descoberta*, Pessoa, 1979: 223), e agora vai criar uma Nova Civilização. Então, tanto para Pascoaes, como para Pessoa, os Descobrimentos, além da metáfora, são um acontecimento que prefigura e de algum modo assegura a grandeza futura da Pátria, só que na escala universal.

Também no que concerne a outras reinterpretações dos acontecimentos da história de Portugal é possível indicar alguns pontos comuns nas teorias de Teixeira e Pessoa. Por exemplo, a visão pascoaesiana da derrota de Alcácer-Quibir é a imagem da vitória do espírito sobre a matéria, o que entra em correspondência com a visão pessoana da figura de D. Sebastião. Igualmente, a interpretação dum acontecimento tão importante na história de Portugal como a Restauração é em ambos os casos original: Teixeira considera a vitória sobre a Castela a obra de acaso, feliz para os portugueses, porém nunca mais o efeito das acções empreendidas para atingir este objectivo; e Pessoa, além de pensar nesta data como numa das vindas dum falso encoberto, noutra sítio julga ser a própria independência o a encarnação do messias. Mesmo assim, a interpretação deste facto é sempre negativa, tanto em Pascoaes, como em Pessoa (Pessoa afirma esta data ser o início da decadência, como foi evidenciado em cima).

No que diz respeito às ideias ibéricas, que ocupam um lugar bastante importante na ideação pessoana, tanto em poeta d'*A Águia*, como no de *Orpheu*, elas não são unívocas – ambos uma vez consideravam a Castela a nação inimiga, enquanto outra a familiar, desenvolvendo os conceitos da unidade ibérica. Pascoaes chegou a um ponto de considerar a Castela uma nação fraterna só nos textos tardios e através da aproximação mítica de D. Sebastião e de D. Quixote, que foram para ele as expressões míticas destas nações.

Também a admiração moderada, ainda que verdadeira, da figura de Marquês de Pombal é comum a ambos os pensadores: para Teixeira é ele um indivíduo inteligente e dotado, mas demasiadamente,

o que faz com que seja distante do povo e por isso incompreendido. Em Pessoa Pombal é uma figura ambivalente, ora apreciada por motivo da sua obra para Portugal setecentista, ora culpada da desnacionalização, ao lado do segundo responsável, o constitucionalismo francês. Outra convicção que Pessoa e Pascoaes também partilham diz respeito à avaliação do constitucionalismo: ambos acham a transplantação deste sistema político, alheio ao solo português, a causa principal da desnacionalização e da ruína total do génio lusitano.

A ideia de grandes homens (homens de génio, como os chama Pessoa), pelos investigadores pessoanos comentada como derivada da inspiração na leitura de Carlyle, pode também provir de Pascoaes e, indirectamente, por este intermédio, da tradição romântica francesa. Em Teixeira há toda a galeria de grandes homens que reúnem em si as forças vitais da raça, tornando-se assim os representantes maiores da nação – o primeiro deles é, de acordo com a ideia da supremacia da poesia, Camões¹⁸, seguido por Viriato, Afonso Henriques, Nun'Álvares e Vasco da Gama. Para Pessoa, o grande homem é *a concentração individual das forças íntimas da Nação* (Pessoa, 1979: 366), o seu representante e ao mesmo tempo o emissário das forças superiores, tal como por exemplo Sidónio Pais, Presidente-Rei, o falso encoberto. Os grandes homens são, tanto para Pessoa, como para Pascoaes, as fontes do espírito nacional.

Em numerosos fragmentos pessoanos o papel do messias é transferido para a própria língua portuguesa, mas esta atribuição

¹⁸ Sobre as diferenças na visão e valorização da personagem de Camões entre Pascoaes e Pessoa escreve Jacinto do Prado Coelho no artigo *Camões na óptica de Pascoaes* (1983: 97 e seguintes). José Augusto Seabra, no artigo *Camões, Pascoaes, Pessoa – ou o mito poético da Nova Renascença* fala duma tríade fascinante, composta por poetas acima mencionados, quer dizer: Pascoaes e Pessoa centrados em volta do mito camoniano. Segundo Seabra, Pascoaes apresenta o momento culminante da deificação da figura do poeta renascentista, enquanto Pessoa é já o indício da necessidade da metamorfose num novo mito, isto é, supra-Camões, que multiplicado em poetas heteronímicos, *anuncia ao mesmo tempo a pluralização da pátria – quer dizer, da língua que para Pessoa ela acima de tudo é* (Seabra, 1980: 25).

de importância extrema à língua não é reservada só para Pessoa (por exemplo, foi constatado a propósito da *Mensagem* que neste texto o poeta *recondiciona o idioma para um encontro esotérico com a pátria*, Kujawski, 1967: 16). Já em Teixeira de Pascoaes a língua portuguesa cumpre a função da articulação única e insubstituível da alma lusitana. Teixeira trata as línguas como se estas fossem os entes vivos, sendo as palavras imagens espirituais das coisas, criadas por homem. O valor especial na língua, na teoria pascoaesiana, têm as palavras intraduzíveis – são elas que exprimem de maneira mais completa o génio da raça, não tendo as suas correspondências noutras línguas. Daqui vem o protesto muito forte contra as reformas ortográficas que privam as palavras das suas características inerentes e originais. Entre as palavras intraduzíveis exaltadas por Teixeira encontram-se: em primeiro lugar saudade, mas também nevoeiro, remoto, ermo, luar, ausência, sombra, silêncio, medo, lúgubre, fantasma, oculto, espectro ou abismo. Quanto ao significado da língua portuguesa para Pessoa, basta chamar a famosa frase de Bernardo Soares: *minha pátria é a língua portuguesa* (Pessoa, 2007: 247). Para Pessoa o português é a língua mais rica e complexa das românicas, na qual é possível exprimir coisas inefáveis noutras línguas. O português é na grande parte da teoria pessoana predestinado para a função da língua imperial, a primeira língua da cultura verdadeiramente universal – a importância da língua na teorização pessoana não pode ser subestimada visto que o planeado império é de índole cultural, sendo a literatura o seu valor supremo. Se bem que em alguns fragmentos apareçam as divagações sobre o eventual carácter bilingue, luso-inglês, do planeado império, é sempre o português que é visionado como a língua da cultura (ao passo que o inglês é considerado a língua da comunicação, ou da ciência). Podemos então julgar que também a convicção da singularidade da língua é uma das ideias que Pessoa herdou de Pascoaes.

O que também vale a pena reparar, é o facto de Pascoaes raramente empregar a designação tradicional de Quinto Império, servindo-se mais do equivalente de reino de saudade. Todavia, a visão do futuro concebida por ele mais do que a pessoana se parece com o Quinto

Império da tradição sebástica, visto que aquele é em alguns escritos admitido como transitório ou até incerto quanto à autoria portuguesa da obra.

O que pode estranhar, nem em Pascoaes, nem em Pessoa, não deparamos com as plenas visões utópicas da realidade após a transformação. Há alguns indícios destas visualizações, por vezes bastante pormenorizados – como no caso de escritos pessoais acerca da união ibérica, mas este conjunto de textos é só vagamente ligado à ideiação do Quinto Império e não pode servir de exemplo. Em Pascoaes, dada a sua inclinação passadista e o seu sistema filosófico de que o *arché* é a saudade que empresta o seu mecanismo dialéctico à ontologia e epistemologia deste filósofo, é mais fácil imaginar esta visão, o que em Pessoa parece assaz complicado: só é certo que o novo império será de índole diferente do que os anteriores, ou seja imaterial, e que o seu conteúdo será a cultura universal.

Como vimos, os pontos de contacto entre os dois mais importantes visionários dum Portugal renascido nas primeiras décadas do século XX não só não faltam, mas assinalam-se nos conceitos-chaves de ambas as teorizações (o sonho, o papel do sebastianismo, a ideia da interiorização e espiritualização, as metáforas e reinterpretaciones históricas, a função da língua portuguesa, as divagações acerca do carácter nacional, o lugar dos homens de génio). Com certeza é Fernando Pessoa que deve muito mais do que ele próprio admitia ao chefe espiritual e ideológico da Renascença Portuguesa, mas o que foi o âmbito deste artigo não foi a evidenciação das simples influências, mas antes das transformações que os elementos tirados da filosofia saudosista sofreram na teorização pessoana, e que fizeram com que passassem a fazer parte de uma das mais originais reinterpretaciones do sebastianismo e projectos identitários portugueses.

Bibliografia

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio, (1987), “*Mensagem*” – *uma tentativa de reinterpretação*, Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais da Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- ANTUNES, Alfredo, (1983), *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa. Elementos para uma antropologia filosófica*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia.
- COELHO, Jacinto do Prado, (1983), *Camões e Pessoa, poetas da utopia*, Lisboa, Mem Martins: Europa-América.
- COELHO, Jacinto do Prado, (1996), „Fernando Pessoa e Teixeira de Pascoaes”, em: idem, *A letra e o leitor*, Porto, Lello & Irmão, pp. 174-198.
- COUTINHO, Jorge, (1995), *O pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo hermenêutico e crítico*, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.
- CRESPO, Angel, (1991), *A vida plural de Fernando Pessoa*, Venda Nova, Bertrand.
- CRESPO, Angel, (1984), *Estudos sobre Fernando Pessoa*, Lisboa, Teorema.
- FRIAS, Eduardo, (1971), *O Nacionalismo Místico de Fernando Pessoa*, Braga, Editora Pax.
- LOURENÇO, Eduardo, (2001), *Portugal como destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva.
- LOURENÇO, Eduardo, (2004), *O Labirinto da Saudade. Psicanálise mítica do destino português*, Lisboa, Gradiva.
- MENDES, Luisa Maria Bernardino de Medeiros de Brito, (2004), *O Quinto Império de Fernando Pessoa ou a criação literária em língua portuguesa*, Tese de doutoramento não publicada, Lisboa.
- MOISÉS, Carlos Felipe, (1979), “Fernando Pessoa – sonho e realidade”, *Persona*, Porto, nº 3, pp. 61-68.
- PASCOAES, Teixeira de, (1998), *Arte de Ser Português*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PASCOAES, Teixeira de, (1988), *A Saudade e o Saudosismo. Dispersos e opúsculos*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando, (1999), *Crítica. Ensaios, artigos e entrevistas*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando, (1979), *Da República (1910-1935)*, recolha de textos M. I. Rocheta, M. P. Morão, introdução e organização J. Serrão, Lisboa, Ática.

- PESSOA, Fernando, (2007), *Livro do desassossego. Composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*, ed. de Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando, (1993), *Mensagem. Poemas esotéricos*, edição crítica, red. J. A. Seabra, Madrid, Coleção Archivos Fundação Eng. A. Almeida.
- PESSOA, Fernando, (1979), *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*, introdução e organização J. Serrão, Lisboa, Ática.
- PIRES, António Machado, (1982), *D. Sebastião e o Encoberto*, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian.
- RAMALHO, Maria Irene, (2006), “Modernismo e imperialismo. A *Mensagem* de Fernando Pessoa”, em: Maria Irene Ramalho, José Carlos Seabra Pereira, António Apolinário Lourenço, “*Mensagem*” de Fernando Pessoa, 70 anos depois, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, pp. 7-37.
- SEABRA, José Augusto, (1980), “Camões, Pascoaes, Pessoa – ou o mito poético da *Nova Renascença*”, *Nova Renascença*, Porto, nº 1, pp. 23-31.
- SEABRA, José Augusto, (1985), *O heterotexto pessoano*, Lisboa, Dinalivro.
- SERRÃO, Joel, (1978), „Nas origens do projecto cultural de Pessoa”, em: Centro de Estudos Pessoaanos (org.), *Actas do 1º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, pp. 327-340.
- SERRÃO, Joel, (1981), *Fernando Pessoa, Cidadão do Imaginário*, Lisboa, Livros Horizonte.
- SILVA, Luís de Oliveira, (1988), „Ética e política no pensamento exotérico do Anti-Camões”, em: Isabel Tamen (ed.), *Um século de Pessoa. Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 177-181.